



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 5, volume 5, artigo nº 154, Julho/Dezembro 2019
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a154>
Edição Especial

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: BULLYING

Danielle Loureiro Laborne Borges¹

Graduada Curso de Medicina da Universidade Nova Iguaçu, Itaperuna\RJ; Residência em Medicina da família e comunidade pela Policlínica Sérgio Arouca, Niterói\RJ.

Nathália Ribeiro Coelho²

Graduando Curso de Medicina do Centro Universitário Redentor, Itaperuna/RJ.

Thais Simões Cascardo³

Graduando Curso de Medicina do Centro Universitário Redentor, Itaperuna/RJ.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estudar sobre a violência nas escolas, em especial o bullying que é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas. O termo em inglês "*bullying*" é derivado da palavra "*bully*" (tirano, brutal). Ainda que esse tipo de agressão tenha sempre existido, o termo foi cunhado na década de 70 pelo psicólogo sueco Dan Olweus.

É notório que conflitos entre crianças e adolescentes são comuns, pois encontram-se em uma fase de insegurança e autoafirmação. Porém, quando os desentendimentos são frequentes e partem para humilhações, é aí que o bullying prolifera. As vítimas de agressão física ou verbal ficam marcadas e essa ferida pode se perpetuar por toda a vida. Em alguns casos, a ajuda psicológica é fundamental para amenizar a difícil convivência com memórias tão dolorosas. Entretanto, o pediatra e/ou médico da família tem grande importância na identificação do bullying e na colaboração em estratégias para sua prevenção e controle, apesar de não costumar ser a queixa principal da consulta. E, ainda, na suspeição do caso, buscar esclarecimentos sobre os riscos de origem familiar, escolar e comunitária.

Palavras-chave: Bullying; escola; violência.

Abstract

This article aims to study about violence in schools, especially bullying, which is the practice of violent, intentional and repeated acts against a defenseless person, which can cause physical and psychological harm to victims. The English term "bullying" is derived from the word "bully" (tyrant, brutal). Although such aggression has always existed, the term was coined in the 1970s by Swedish psychologist Dan Olweus.

It is notorious that conflicts between children and adolescents are common, as they are in a phase of insecurity and self-assertion. But when misunderstandings are frequent and go into humiliation, that's where bullying proliferates. Victims of physical or verbal aggression are marked and this wound can be perpetuated for life. In some cases, psychological help is fundamental to alleviate the difficult coexistence with such painful memories. However, the pediatrician and family physician are of great importance in identifying bullying and collaborating in strategies for its prevention and control, although it is not usually the primary complaint of the consultation. And also, in the suspicion of the case, seek clarification on the risks of family, school and community origin.

Keywords: Bullying; school; violence.

INTRODUÇÃO

Segundo Foresti *et al* (2012), bullying está relacionado à prática de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, realizada por um ou mais agressores contra uma determinada vítima. O termo em inglês "bullying" é originado da palavra "bully", que corresponde a tirano, brutal. Esse ato pode acontecer em qualquer ambiente onde existe o contato interpessoal, podendo ser no clube, na igreja, na própria família ou na escola, porém também existem atos realizados por meio da mídia.

O professor Dan Olweus foi o primeiro pesquisador que observou o fenômeno bullying, através de estudos efetuados na Universidade de Bergen-Noruega, entre 1979 e 1993, que teve muita repercussão. Mas, o governo de Noruega, apenas atentou-se ao fato, após suicídios de crianças entre 10 e 14 anos, que tem grandes chances de terem sido influenciados após atos de maus tratos de outros colegas. Após esse acontecimento foi realizado em escala nacional a Campanha nas escolas de Anti-Bullying em 1993. Foi observada uma redução nos índices de bullying e a evasão das escolas, proporcionando a

melhora no desempenho acadêmico, porém, ainda acontece muito, sendo assim, essa redução ainda não é o suficiente (QUINTANILHA, 2011).

Internacionalmente, a epidemiologia de vítimas de bullying difere das estatísticas brasileiras, no Brasil a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE) demonstrou que cerca de 7,2% dos escolares sofriam bullying por algum colega da escola, já internacionalmente as estatísticas variam de 32% a 2% de prevalência de bullying, demonstrado assim ser um problema em âmbito universal (MARCOLINO et al., 2018).

De acordo com Silva (2015), o bullying surge, na maioria das vezes, em casa. Ressaltando que, para que um filho tenha boas atitudes, seja empático no ambiente fora de casa, é necessário que no âmbito familiar, ele tenha exemplos disso. Infelizmente, muitos pais não questionam suas próprias atitudes e condutas, e assim, fugindo do compromisso de educadores. É importantíssimo o ensinamento no ambiente familiar, como lição de ética, altruísmo e solidariedade, para que que estenda-se no ambiente escolar, em que, eles passarão muito tempo do dia.

O bullying tem crescido cada vez mais com o desenvolvimento da tecnologia, os meios sociais e de mídia tem grande influência, ampliando as proporções do bullying. Muito disso se deve ao fato de o agressor buscar a aprovação de outros, popularidade, sensação de poder e controle. De acordo com Orson Camargo (2010), as agressões podem ser propiciadas pelos agressores estarem inseridos em um meio familiar complexo, com ausência ou escassez de relacionamentos afetivos, no qual o agressor não aprendeu a ter empatia, e se expressar de outras formas (Rocha et al., 2013).

A Sociedade Brasileira de Pediatria, alega que, a Lei Federal Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, implementou o Programa de Combate à Intimidação Sistemática do fenômeno Bullying. De forma a extrapolar os estabelecimentos de ensino, com a finalidade de combater e prevenir o ato na sociedade (artigo 4º, alínea I), envolvendo outros ambientes, como clubes e agremiações recreativas (artigo 5º), além do âmbito escolar.

OBJETIVO:

O trabalho visa fornecer informações revisadas sobre o “bullying” na escola, procurando esclarecer as causas e o impacto na vida escolar das crianças.

METODOLOGIA:

O presente trabalho consistiu de uma revisão da literatura desenvolvida seguindo os preceitos do estudo exploratório, por meio de revisões bibliográficas e uma leitura crítica dos

textos apresentados no período de agosto a setembro de 2019. Nesse sentido, foram utilizados alguns critérios para obter os resultados da pesquisa. Iniciando pelo fato de ter sido feita uma pesquisa em artigos em revistas apenas de língua portuguesa e inglesa. Também, foram utilizados artigos da biblioteca virtual em saúde Bireme, Google acadêmico e Pubmed. Após isso, buscamos pelos seguintes descritores e palavras chave: “bullying”; “pediatria” e “bullying nas escolas”. Nesse sentido, foram encontrados alguns artigos e arquivos interessantes para pesquisa. Além de artigos clássicos, os artigos utilizados como base para a revisão e discussão da temática proposta foram publicados entre os anos de 2005 a 2019.

Foram pesquisados alguns artigos na biblioteca virtual em saúde Bireme, mas apenas alguns foram selecionados tais como: “Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz”; *“o conceito de bullying: levantamento inicial para a análise da representação do fenômeno no seriado Todo mundo odeia o Chris”*; “o estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa”. Com isso, foram os que chamaram mais atenção por ter grande parte das palavras chave abordadas.

Além disso, foi feita uma escolha para que a revisão abordasse o bullying e seus efeitos na vida das crianças e adolescentes mostrando as peculiaridades desse problema a fim de identificar os fatores que contribuem no impacto da vida das crianças.

DESENVOLVIMENTO

O conceito bullying é pouco sabido do grande público. Esse termo tem origem inglês, não tendo tradução no Brasil. Bullying, é usado, com a finalidade de qualificar atitudes agressivas no ambiente escolar, realizados por ambos os sexos. O fenômeno envolve atos violentos com presença física ou não, muitas vezes, de forma repetitiva e intencional. Esses comportamentos são injustificáveis e sem motivos. O agressor tem objetivo de sentir diversão, prazer e poder, com intenção de humilhar, amedrontar e maltratar suas vítimas (SILVA, 2015).

1. Classificações dos tipos de Bullying

De acordo com Bandeira & Hutz (2012), bullying é classificado em diferentes tipos que incluem o físico, verbal, relacional e eletrônico. O tipo físico pode ter socos, chutes, pontapés, empurrões, até mesmo roubo de lanche ou materiais. A tendência é que este tipo de ataque reduz com a idade.

Já o caso do tipo verbal inclui práticas que consistem em ofender, em que atribuem apelidos vergonhosos e humilhantes, geralmente, realizados em público. Sendo esse tipo o mais comum quando comparado com o tipo físico, principalmente com crianças de idade mais avançada (BANDEIRA & HUTZ, 2012).

Bandeira & Hutz (2012), diz que o tipo relacional é quando afeta o relacionamento social da vítima com seus colegas, geralmente, acontece entre a adolescência, quando o agressor ignora a tentativa de aproximação de um colega deliberadamente. É mais prevalente e prejudicial a partir da puberdade, uma vez que as crianças aprimoram mais suas habilidades sociais e a aprovação dos pares se torna essencial.

Por último, o tipo eletrônico, também conhecido como cyberbullying, acontece quando os atos são feitos por vias eletrônicas, ou seja, quando inclui mensagens por meio de e-mail, mensagens instantâneas, salas de bate-papo, web site ou através de mensagens digitais ou imagens enviadas pelo celular (BANDEIRA & HUTZ, 2012).

2. Protagonistas: autor e alvo

O bullying se caracteriza pela combinação entre a intimidação e a humilhação das pessoas, sendo designado como uma forma de abuso psicológico, físico e social. Recentemente estes comportamentos tornaram-se frequentes nas escolas públicas ou privadas, rurais ou urbanas, envolvendo crianças e jovens que são representados como vítimas, agressores ou espectadores (CHICOTE & MARTINS, 2009).

No entanto, o bullying pode ser identificado, combatido e enfrentado por todos. Para isto acontecer, faz-se necessário identificar e distinguir os protagonistas destes atos agressivos (CHICOTE & MARTINS, 2009).

Habitualmente o agressor é considerado popular, tem como característica liderar o grupo apresenta um temperamento agressivo e gosta de empregar a violência. Os autores do bullying normalmente mostram-se destemidos, autoconfiantes, são aceitos socialmente (ASSIS et al, 2010).

Segundo Assis e colaboradores (2010), as vítimas frequentemente são tímidas, introvertidas e frágeis, apresentam percepção negativa de si mesmo, são incapazes de defender e de reagir. Regularmente são discriminadas por apresentarem algumas diferenças, como peso muito acima ou muito abaixo da normalidade; muito altos ou baixos demais; deficiência física; orelha ou nariz mais destacados; raça, religião, condição econômica ou orientação sexual diferente.

Temos também as testemunhas, sejam elas passivas ou ativas. As passivas se omitem diante dos atos de recriminação, provavelmente por medo de se tornar a próxima

vítima ou por sofrerem algum tipo de ameaça por parte do autor. Já as consideradas ativas, não participam ativamente dos ataques contra as vítimas, porém apoiam as atitudes dos agressores e se comportam como plateia, incentivando estes atos (ASSIS et al, 2010).

A identificação destes comportamentos comprova que todos tem sua importância para a composição do cenário do bullying. Por ser um “fenômeno relacional”, torna-se fundamental a inter-relação dos papéis (CHICOTE & MARTINS, 2009).

3. Estratégias de ação contra o Bullying

Antes de qualquer coisa, para combater o bullying se faz imperativo o reconhecimento, pelas diversas esferas sociais, especialmente pelos pais e pelas escolas, de sua existência em escolas de todo o mundo, dano potencial e inadmissibilidade, conforme aponta Monteiro Filho (2008) e Fante & Prudente (2015).

Apesar de o bullying não ocorrer exclusivamente nas escolas, parece ser consenso entre autores que o bullying ocorre em qualquer escola, independente de condições socioeconômicas dos alunos (MONTEIRO FILHO, 2008; SANTOS, 2014; SILVA, 2015) e aceitar este fato e preveni-lo vai ao encontro de um papel efetivamente formador da escola, que transcende a educação formal e deve abranger também formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade. Além disso, o combate ao bullying deve ser visto como uma maneira pouco onerosa e eficaz de redução da violência entre estudantes e na sociedade (MONTEIRO FILHO, 2008 apud SBP, 2017).

A SBP (2017) afirma que a solução rápida para o bullying não existe, mas ele deve ser combatido o mais brevemente possível e sua prática em qualquer situação não deve ser tolerada. Destaca ainda a questão como desafio e, portanto, se faz necessário o envolvimento de todos os atores envolvidos, professores e demais funcionários da escola, alunos e pais/ responsáveis, de forma a se desenvolver um trabalho de sensibilização e capacitação dos mesmos (COSTANTINI, 2004, apud SBP, 2017). Assim, toda a comunidade escolar deve comprometer-se com a identificação e combate ao problema, buscando soluções e proporcionar um ambiente seguro onde haja solidariedade, respeito às individualidades e cultura de Paz (SBP, 2017).

O pediatra e/ou médico da família tem papel de grande importância na identificação do bullying e na colaboração em estratégias para sua prevenção e controle. Apesar de não costumar ser a queixa principal da consulta, o profissional deve estar atento e preparado para lidar com o problema, identificar situações potenciais (tanto de o paciente estar sendo alvo quanto autor dos atos de bullying) e, ainda, na suspeição do caso, buscar esclarecimentos sobre os riscos de origem familiar, escolar e comunitária (SBP, 2017).

3.1. *Estratégias preventivas*

Podem ser desenvolvidas estratégias de combate à violência que configura o bullying como forma de prevenção e de promoção de saúde física e mental, que partem desde ações aparentemente simples como não banalizar o termo, compreendendo que o mesmo não é qualquer conflito existente dentro da escola, mas, sim, apresenta características peculiares de ser frequente intencional e gratuito. Além disso, podem ser realizadas capacitações dos professores e funcionários envolvidos no cotidiano escolar das crianças, trabalhar práticas de cidadania, realizar ações junto aos pais e responsáveis e dirimir mitos, tais como que "o bullying é implicância de criança", "passa depois de certa idade escolar", "a criança alvo deve revidar", "a culpa é do alvo", "alvo e autor devem se resolver sozinhos", "ser alvo fortalece a criança para a vida", ou ainda, normalizar a situação (FANTE & PRUDENTE, 2015).

A SBP (2017) sugere diversas ações a serem realizadas pela escola ou em conjunto com a mesma, como:

- Incentivar o protagonismo de crianças e jovens;
- Abordar o fenômeno bullying com todos os professores e funcionários da escola, os pais/ responsáveis e os alunos, incluindo as associações de alunos (quando houver), objetivando soluções conjuntas para enfrentar casos em potencial;
- Incluir o bullying como tema transversal e permanente na grade curricular;
- Trazer o assunto para o ambiente intercalasse, levando a reflexões sobre experiências pessoais pelos alunos e visão do problema, visando principalmente a tentativa de respostas e soluções construídas e vivenciadas por todos;
- Habilitar todos os alunos para identificar o bullying e aprender a se defender;
- Sensibilizar a comunidade escolar para acolher e proteger os alvos, garantindo segurança para falar do assunto;
- Estabelecer relações harmoniosas entre professores e alunos, e entre os próprios alunos, para afastar fontes geradoras de estresse e conflito, contribuindo para um ambiente seguro;
- Funcionários estarem presentes no momento das recreações e brincadeiras, para observar isolamento de crianças, olhares assustados ou semblante dominador, intervindo imediatamente, se for o caso;
- Estimular jogos e atividades que preencham os horários dos estudantes de forma positiva, sempre que houver períodos ociosos;

- Detectar estudantes que se sobressaem em aspectos referentes à valorização das individualidades e ao respeito mútuo, visando que se tornem possíveis lideranças e referências positivas;
- Promover atitudes que estimulem a cultura da diferença, onde todos os alunos sejam respeitados em sua singularidade, independentemente de suas condições sociais, físicas ou mentais;
- Dialogar periodicamente com os alunos demonstrando respeito pelos valores de cada um, para achar formas não violentas de prevenção e resolução de conflitos.

3.2. *Estratégias corretivas*

Silva (2015) destaca a suma importância da identificação precoce do bullying pelos responsáveis (pais e professores). A autora ressalta que as crianças comumente se calam e não expõem o sofrimento vivenciado na escola, seja por medo de represálias ou por vergonha, o que pode ser facilitado pela observação atenta dos pais sobre o comportamento dos filhos, assim como o diálogo aberto entre eles, que portanto, é fundamental.

Diante da identificação do bullying, é importante se estabelecer medidas corretivas, não apenas destinadas aos protagonistas, mas também aos pais e demais componentes da comunidade escolar. Assim como nas medidas preventivas, a SBP (2017) também discorre sugestões para ações corretivas, tais como:

- Promover a conscientização dos autores sobre o erro cometido e a não aceitação por todos;
- Evitar ações puramente punitivas para os autores (suspensões, expulsões etc.), para evitar marginalizações, o que os impediria de desenvolver habilidades positivas e comportamentos mais saudáveis;
- Realizar dramatizações focadas na formação de grupos de apoio, que estimulem os alunos a participar ativamente da intervenção nos casos detectados e a agir como testemunhas para demonstrar que desaprovam os atos cometidos;
- Atentar para caso de preconceito relacionado à raça, pobreza, orientação sexual, religião, deficiência, etc, pois isto poderá esconder alguma situação de bullying;
- Estabelecer parcerias com outras instituições (saúde, assistência social, conselhos tutelares etc.) promovendo troca de experiências e o fortalecimento das ações;
- Evitar encontros focados em críticas, promovendo momentos de integração com foco em identificar as potencialidades dos estudantes;
- Desenvolver um trabalho sistemático com ações simplificadas que respeitem as características socioculturais daquela população;

- Sensibilizar as famílias para aproximá-las e, juntamente com a escola, acompanhar o desenvolvimento dos alunos;
- Convidar pais e/ou responsáveis para apresentações, nas quais possam ver os filhos de forma positiva;
- Valorizar o conhecimento e os saberes das famílias, sugerindo atividades intrafamiliares, entre pais e filhos;
- Admitir que cada sujeito é único e deve ser resguardado em seu direito a um ambiente coletivo, em que todos aprendam e cresçam conjuntamente.

A Cartilha do Conselho Nacional de Justiça (2015) é mais enérgica em relação ao fato, afirmando que a escola é corresponsável nos casos de bullying, dado que é o local em que comumente os comportamentos agressivos e transgressores se destacam ou intensificam. A instituição, na figura da direção, deve acionar pais e outros órgãos competentes, como o Conselho Tutelar e outros órgãos de proteção à criança e ao adolescente, sendo passível de responsabilização por omissão caso não o faça. A recomendação diz ainda que esta é uma medida que evita a impunidade e inibe o crescimento da violência e criminalidade juvenil.

Ressalta-se que os pais e/ou responsáveis não devem hesitar em buscar auxílio profissional para saúde mental, objetivando que seus filhos possam superar traumas e transtornos psíquicos. E, ainda, deve ser ressaltado que os adultos devem sempre estimulá-los a procurar formas eficazes de resgatar sua autoestima, bem como construir sua identidade social na forma de uma cidadania plena (SILVA, 2015).

4. Consequências para o alvo do Bullying

A criança e/ou adolescente alvo do bullying fica propício ao desenvolvimento de uma série de agravantes que podem definir uma condição social problemática. Sabendo que essas vítimas evidenciam alguma forma de dificuldade nas relações interpessoais, como a baixa autoestima, o agressor utiliza desta dificuldade para humilhar de tal forma que a própria vítima se acha merecedora da agressão. Diversos transtornos podem ser desenvolvidos em consequência do bullying sendo capazes de afetar o processo de formação de identidade do alvo aumentando sua fragilidade física e emocional (PEDROLO, 2018).

Existe um entendimento sobre as consequências diversas do bullying tanto para as vítimas quanto para os agressores, assim como para as testemunhas, embora haja uma maior preocupação com as vítimas. Essas consequências vão desde um rendimento escolar

inadequado até a depressão e suicídio. Esses problemas podem ser imediatos ou em médio e longo prazos para acontecerem. Além do baixo rendimento escolar, as vítimas se isolam, recusam a ir à escola, relatam dores de cabeça, estômago ou abdominais. (FANTE, 2005).

Em conformidade com Freire, Simão e Ferreira (2006), muitos jovens adultos que sofreram bullying no passado demonstram lentidão e dificuldade em fortalecer sua personalidade, predispõe à depressão e baixa autoestima quando comparados aos que não tiveram essa experiência. Estudos referenciam casos de suicídios e homicídios realizados por adolescentes, relativos ao bullying constatando de forma dramática a grandeza que o problema pode apresentar. Portanto, infelizmente ele tem sido negligenciado social e academicamente.

Percebe-se, deste modo, que as consequências desta prática está sujeito a qual posição estavam, como vítima, agressor ou testemunha. Os desfechos demonstram que os agressores possuem maiores riscos de consumirem substâncias químicas, distúrbios de ansiedade, depressão, abuso e hostilidade. Já as vítimas tendem a um risco maior de suicídio, depressão, mau desempenho escolar e baixa autoestima, enquanto as testemunhas sofrem com insegurança, medo, ansiedade e estresse (FANTE, 2005).

5. O Pediatra e/ou médico da família em relação ao Bullying

5.1. Abordagem familiar pelo pediatra e/ou médico da família e quais ações escolares que ambos devem conhecer e incentivar.

Os efeitos do bullying são raramente evidentes, sendo pouco provável que a criança ou adolescente procure o pediatra com a clara compreensão de ser ele autor ou alvo de bullying. No entanto, é possível identificar os pacientes de risco, aconselhar as famílias, rastrear possíveis alterações psiquiátricas e incentivar a implantação de programas anti-bullying nas escolas. Sofrer bullying pode ser um fator predisponente importante para a instalação e manutenção de sinais e sintomas clínicos. A identificação de algumas dessas queixas pode ser indicativo de maus-tratos perpetrados por colegas, demonstrando a necessária atenção dos profissionais de saúde (LOPES NETO, 2005).

Em casos suspeitos, os fatores de risco devem ser sempre investigados e abordados. São eles: características pessoais, influências familiares e comunitárias e problemas escolares.

As famílias, tanto dos alvos como dos autores, devem ser ajudadas a entender o problema, expondo a elas todas as possíveis conseqüências advindas do bullying. Os pais devem ser orientados para que busquem a parceria da escola, conversando com um gestor ou um professor que lhes pareça mais sensível e receptivo ao problema. Como consultores

em escolas, atuando nos departamentos de segurança pública ou em associações comunitárias, os pediatras devem esclarecer sobre o impacto que o bullying pode provocar sobre as crianças, adolescentes e escolas (LOPES NETO, 2005).

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos são fundamentais para a implantação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. O fenômeno bullying é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja continuado. As ações são relativamente simples e de baixo custo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001), podendo ser incluídas no cotidiano das escolas, inserindo-as como temas transversais em todos os momentos da vida escolar.

5.2. Sinais sugestivos de Bullying a serem observados no alvo e no autor.

No alvo é possível observar atitudes de isolamento, o indivíduo passa a agir de forma estranha. Pode haver sinais de trauma pelo corpo, como ferimentos ou hematomas sem que haja explicação para a ocorrência dos mesmos. A criança pode chegar a casa com roupas rasgadas ou mesmo pode apresentar ansiedade ou pânico para ir à escola. Pode desenvolver insônia, mudanças bruscas de humor, parar de tocar em assuntos relacionados à escola, encontrando desculpas para de ausentar dela, além de apresentar comportamento agressivo e fazer novas amizades subitamente (LIMA & ARDIGÓ, 2011).

O autor possui caráter violento e perverso. Geralmente apresenta certo poder de liderança, o qual frequentemente é adquirido pela força e agressividade, podendo agir sozinho ou em grupo. Normalmente advém de uma família sem estruturas, com total ou parcial ausência de afetividade. Não possui disciplina e tem aversão às normas, não aceitando ser contrariado e normalmente encontra-se envolvido com atos de vandalismo, roubo ou pequenos delitos. O desempenho escolar é baixo apesar de normalmente não possuir nenhum tipo de dificuldade de aprendizagem (LIMA & ARDIGÓ, 2011).

5.3. Ações para superação diante do fato constatado.

Para que haja a superação do fato, é preciso que este assunto seja levado a sério, sem que haja minimização do ocorrido. Além disso, é preciso manter um diálogo sobre o assunto, reforçando a autoestima da vítima, dando a ela conselhos consistentes que a permita se adaptar no grupo ao qual ela estiver inserida. É preciso uma ação conjunta,

compartilhando o problema com outras famílias e com a escola, para que outros indivíduos possam agir em conjunto para superar o problema. A família da vítima, por ser alicerce, deve sempre a encorajar e lembrá-la do qual amada ela é (LIMA & ARDIGÓ, 2011).

CONCLUSÃO

O bullying é um fenômeno antigo cujos aspectos ainda hoje são estudados. Se traduz em atitudes agressivas no ambiente escolar, realizados por ambos os sexos. A escola é, portanto, um local de fundamental importância quando se busca combatê-lo, todavia, com o avanço da tecnologia, a internet vem se consolidando como um grande veículo de disseminação do bullying, pois permite sua execução à distância e até mesmo de forma anônima.

Quando se fala em combate, deve-se ter em mente que é imprescindível haver o apoio dos familiares, dos professores, e até mesmo de colegas, isto é, é necessário um trabalho em conjunto, associando a esfera familiar, escolar e até mesmo a judiciária, priorizando a prevenção e o controle, deste modo, será possível realizar uma intervenção eficaz e minimizar danos que de outra forma apresentariam grande impacto ao desenvolvimento da criança. Quando não existe esta conscientização, a escola muitas das vezes se converte em um ambiente tóxico e hostil à criança.

Sendo assim, é importante haver a elaboração de políticas públicas que promovam uma integração saudável entre família e escola, conscientizando professores, pais e alunos, de modo a fixar nos alicerces dos estudantes a valorização da amizade, solidariedade e respeito com o colega.

O pediatra e/ou médico da família possuem um papel muito importante neste processo, pois o mesmo atua diretamente na identificação do bullying, sendo responsável por orientações, bem como formular, juntamente da família, estratégias de controle e prevenção à esta prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. Impactos da violência na escola - um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Editora Fiocruz, 2010. Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=n1WLAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA95&dq=Protagonistas+do+Bullying&ots=QkzDcAVh9E&sig=766pfjfKzEvpcsRoftk1HsKnYaU#> Acesso 02/05/2019.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 35-44. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/04.pdf>> Acesso 22/04/2019.

CHICOTE, Irlandina, de Paula Macedo; MARTINS, Maria Sara Abdalla. BULLYING: O pesadelo das escolas. Nucleus, v.6, n.2, out. 2009. Disponível em <<file:///C:/Users/Aluno/Downloads/Dialnet-BullyingOPesadeloDasEscolas-4034607.pdf>> Acesso em 02/05/2019.

FANTE, C. PRUDENTE, N.M. Bullying em debate. São Paulo: Paulinas, 2015.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed.rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-06.pdf>> Acesso em: 02/05/2019.

FORESTI, Joadir Antônio; CARVALHO, Rafiza Luiziani Varão Ribeiro; PAVARINO, Rosana Nantes; DANIEL, Gessica Fernanda; XAVIER, Jéssica dos Santos. *O conceito de bullying: levantamento inicial para a análise da representação do fenômeno no seriado Todo mundo odeia o Chris*. Intercom/ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, CE 3, 2012. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1861-1.pdf>> Acesso: 22/04/2019.

FREIRE, Isabel P.; SIMAO, Ana M. Veiga; FERREIRA, Ana S.. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. Rev. Port. de Educação, Braga , v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872006000200008&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 02/05/2019.

LIMA, Roberta Oliveira; ARDIGÓ, Maria Inês França. Bullying: Prevenção, punição e políticas públicas. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, v. 95, 2011. Disponível em <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?artigo_id=10937&n_link=revista_artigos_leitura> Acesso em: 15/05/2019.

LOPES NETO, A.A. Bullying Comportamento Agressivo entre Estudantes, *Jornal de Pediatria* - Vol. 81, Nº5(Supl), 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>> Acessado em 15/05/2019.

MARCOLINO, E.C. CAVALCANTI, A.L. PADILHA, W.W.N. MIRANDA, F.A.N. CLEMENTINO, F.S. *Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enferm.* 2018;27(1):e5500016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000100304&lng=en&nrm=iso&tlng=pt&ORIGINALLANG=pt> Acessado em 18/05/2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Conselho Nacional de Saúde. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência. 2001. Ministério da Saúde. <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acidentes.pdf>> Acessado em 17/04/2019.

MONTEIRO FILHO L. *O que todos precisam saber sobre o bullying*. *Jornal Jovem*, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <<http://www.jornaljovem.com.br/edicao11/convidado03.php>> Acesso: 01/05/2019.

PEDROLO, Gabriely Talita. BULLYING NOS ANOS ESCOLARES INICIAIS: as consequências no rendimento escolar do educando. *Revista Even. Pedagog.*, v. 9, n. 3, p.946-957, dez. 2018. Disponível em <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3314/2388>> Acesso: 02/05/2019

QUINTANILHA, Clarissa Moura. *Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Universidade do

Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2011. Disponível em <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/cmq.2.2011.pdf>> Acesso: 22/04/2019.

ROCHA, Moana Oliveira; COSTA, Carmen Lucia; PASSOS NETO, Irazano. Bullying e o papel da sociedade. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, v. 1, n. 16, p. 191-199, 2013.

SANTOS, M.D.L. *Uma discussão sobre o bullying para uma sociedade sem ameaças, intimidações e humilhações*. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Universidade Estadual da Paraíba, 2014. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9350/1/PDF%20-%20MARIA%20DE%20LOURDES%20SANTOS.pdf>> Acesso: 01/05/2019.

SBP - Sociedade Brasileira de Pediatria. *Guia Prático de Atualização. Bullying*. Disponível em <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/20032d-GPA_-_Bullying.pdf> Acesso em 16/04/2019

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying*. Cartilha 2015. Projeto Justiça nas Escolas. 2ª ed. Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/0d95535ddf206bc192c4e05356e35c83.pdf>> Acesso em 16/04/2019